

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA
Museu Monográfico de Conimbriga
vrglcorreia@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4051-7111>

UM AMULETO ROMANO NO MUSEU NACIONAL
DE ARQUEOLOGIA

A ROMAN AMULET IN THE NATIONAL MUSEUM
OF ARCHAEOLOGY

“Conimbriga” LIX (2020) p. 159-168

https://doi.org/10.14195/1647-8657_59_6

Texto recebido em / Text submitted on: 16/05/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 14/02/2020

RESUMO: Publica-se um amuleto romano do tipo “pedra mágica”, da coleção de Vergílio Correia, que se conserva no Museu Nacional de Arqueologia, sendo provavelmente proveniente de Conimbriga.

PALAVRAS-CHAVE: Conimbriga; Glíptica; Magia; Romano.

ABSTRACT: A Roman amulet of the “magic gemstone” kind is published. It belonged to the collection of Vergílio Correia, now kept in the National Museum of Archaeology, and probably comes from Conimbriga.

KEYWORDS: Conimbriga; Glyptic; Magic; Roman.

UM AMULETO ROMANO NO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

1. Contexto

Em 1955 o Museu Nacional de Arqueologia adquiriu, à família, a coleção do Prof. Doutor Vergílio Correia, que tinha falecido em 1944.

O arqueólogo, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dirigiu desde 1930 as escavações arqueológicas que a Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais promoviam em Conimbriga (CORREIA, 1935), sítio onde tinha escavado pela primeira vez em 1912, já por mandato do Museu Etnológico Português (CORREIA, 1916: 252-253). Os materiais das escavações da DGEMN eram destinados ao Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra (DGEMN, 1948: 31), que tinha incorporado os materiais das escavações do Instituto de Coimbra em 1899, mas pode retrospectivamente concluir-se que Vergílio Correia conservava em sua casa algumas peças, designadamente epigrafia (GARCIA, 1987: 46-48), provavelmente por, tratando-se de peças requerendo atenção mais demorada para a sua publicação, ser mais conveniente tê-las em local mais acessível do que os depósitos do Museu.

A maioria desses materiais, bem como os de mais antiga incorporação no Museu Nacional, provenientes das escavações de 1912, foram transferidos para o Museu Monográfico de Conimbriga em 1969, sete anos depois da criação deste (e da transferência dos materiais do MNMC), no cumprimento do desiderato de manter reunidos, dentro da medida do possível, todos os materiais provenientes da cidade romana, como compete a um Museu Monográfico.

Algumas exceções a esta primeira transferência têm sido verificadas ao longo do tempo. O avanço da inventariação e digitalização das coleções do MNA permitiu agora localizar a peça que aqui se noticia, que se pode considerar como muito possivelmente proveniente de

Conimbriga, a cuja coleção de glíptica (CRAVINHO, 2001: 141-198) se deve adicionar.

2. A peça

A peça em análise é um amuleto circular fabricado em lápis-lazúli, pedra semi-preciosa comumente usada na glíptica a partir do período romano (RICHTER, 1968: 13).

Tem de diâmetro 24mm e de espessura 3mm. O talhe do bordo é em bisel, o que dá ao reverso uma superfície de menor diâmetro, apenas 21mm.

No anverso mostra uma figura de execução bastante grosseira e mal conservada, que é de difícil identificação.

Trata-se certamente de uma figura humana de pé, de braços levantados. Os paralelos (cf. *infra*) indicam dever tratar-se de Afrodite Anadiómena, representada nua, de pé, arranjando o cabelo.

A figura é rodeada pela cartela da inscrição que acompanha o bordo da peça, que desenha um círculo com 17mm de diâmetro.

No reverso mostra uma única palavra, ADWNAI (*adônai*; cf. BETZ, 1986: 331) enquadrada por quatro pequenas estrelas de 6 pontas. Sobre esta leitura, em especial a paleografia escolhida para a letra transcrita por *ô*, pormenoriza-se a análise mais abaixo.

A inscrição do anverso apresenta-se em *scripta continua*, pelo que, apenas convencionalmente, toma-se o topo da figura como o seu início. A transcrição é a seguinte:

VP[...]ΛΟΟVPIΗΛΓΛΚΙΙΝ[...]WΟ

A primeira lacuna pode ter compreendido 2 ou 3 letras, a segunda 3 ou 4. A transliteração possível é:

ur [...] loourielglkiin [...] ôo

A inscrição foi traçada entre cartelas e as letras têm cerca de 3mm. Do ponto de vista paleográfico são de assinalar algumas particularidades: o *alpha*, grafado com a haste transversal em ângulo com a haste direita; o *nu* reverso; o *omicron* como W (algo que se conhece em outras pedras da mesma classe [cf. FARAONE, 2011: 54, cit. *infra*]).

Salvo melhor opinião, a inscrição não é completamente legível, e não parece fazer parte dos *logoi* mágicos recenseados (MASTROCINQUE, 2003a: 107-112).

Todavia ... *ouriel* ... surge nos papiros mágicos gregos, em PGM

XC, 5 (PGM = PREISENDANZ e HEINRICH, 2001; BETZ, 1986: 302) e corruptelas de vocábulos de origem hebraica, como nomes de anjos (MICHL, 1962: 102-105 e sobre Uriel em concreto, 254-258), acontecem em PGM III, 149-150, onde também surge o *adônai* do reverso da peça (BETZ, op. laud. 22) e em PGM IV, 86-87 (op. laud. 38) onde fazem parte de uma filactera. Há outras ocorrências esporádicas, que não serão aqui recenseadas, mas PGM IV, 1812-1816 tem de ser mencionado, com a invocação sucessiva de ... *thouriel, michael, gabriel, ouriel, misael, irrael, istrael* ... (op. laud. 70-71) e, talvez mais significativamente, considerando as possíveis intenções eróticas do amuleto, documentadas na presença de Afrodite Anadiómena (cf. *infra*), em PGM XXXVI, 295-311 (um feitiço de atração amorosa) invocam-se [310-311] ... *michael, zouriel, gabriel, ... istrael*... (op. laud. 276).

A presença de inscrições classifica a peça como “talisman”, “objecto gnóstico” ou “pedra mágica” (MIDDLETON, 1969: 94-96). Pode seguir-se G. Senna Chiesa (1966, 418-419, esp. n. 1) em que estas pedras têm, por vezes, inscrições que nada significam – como um *pastiche* – ou pensar-se que se está perante a variante de um palíndromo, ou apenas um seu segmento (por todas as infinitas possibilidades: PGM IV, 409-420 e PGM XIXa, 1-54; BETZ, op. laud. 45 e 256-257), ou ainda um qualquer anagrama que, por ser secreto (o que é parte da magia do objeto: ANNEQUIN, 1973: 28), não pode já ser decifrado. Mais recentemente que estas abordagens clássicas, a investigação tem aprofundado o significado da conceção, produção e uso destes objetos (cf. DASEN e NAGY, 2018: 139-178), mas uma inscrição como esta colocará sempre problemas porventura insolúveis.

3. Paralelos

Duas peças de Aquileia são significativas para a interpretação deste amuleto: uma cornalina Inv. R.C. 1212, mostrando uma Afrodite-Hathor Anadiómena rodeada por estrelas e pseudo-letras gregas (CHIESA, 1966: 423, nº 1548; MASTROCINQUE, 2003b: 18 nº Aq 17), e um jaspé negro Inv. R.C. 1219, mostrando Mercúrio, também ele rodeado de estrelas e com uma inscrição no reverso (op.laud., nº 1550; *ibid.*, 19 nº Aq 18); neste caso a inscrição é de *abrasax*, também muito comum nos papiros mágicos gregos (BETZ, 1986: 331, s.v.). Está-se, portanto, perante várias combinações possíveis de elementos comuns.

Mas os paralelos mais evidentes para esta peça, no que ao seu material e ao seu trabalho de gravação diz respeito, são as gemas com Afrodite Anadiómena e inscrição *arôriphrasis* no reverso, apresentadas por C. Faraone (2011: 54-55), como as peças do British Museum PE G 194 e PE 1986,0501.141, entre as cerca de cinco dezenas de peças comparáveis existentes (cf. DASEN e NAGY, 2018: 163, esp. n. 138; MICHEL, 2004, *passim*).

A sua datação pode talvez centrar-se no séc. III da nossa era.

4. Significado

A presença de Afrodite Anadiómena sugere que este amuleto teve uma intenção erótica qualquer (DASEN e NAGY, 2018: 163), ainda que a sua inscrição não corresponda exatamente às que amuletos semelhantes normalmente portam. A possível semelhança de parte da inscrição (invocação de Ouriel?) com o feitiço de atração amorosa de PGM XXXVI, 295-311 (cit. *supra*), se não comprova essa intenção, certamente que não a desmente.

A palavra inscrita no reverso – *adônai* – é uma *vox magica*, fórmula evocativa e encantatória, correspondente a uma figura angélica importante na magia e no gnosticismo (ANNEQUIN, 1973: 72, n. 80), ou é um teónimo propriamente dito (MASTROCINQUE, 2003a: 68-70), mas em qualquer caso provém do Antigo Testamento; o seu significado original estaria provavelmente perdido para os seus utilizadores em época romana (BETZ, 1986: 331) e a sua utilização, como mostram alguns paralelos, é intermutável com outras invocações.

Estes amuletos destinavam-se a ser usados pelos seus portadores junto ao corpo, numa bolsa ou filacteria que incorporaria outras matérias, ritualmente escolhidas e manipuladas de forma a produzir os efeitos desejados (DASEN e NAGY, 2018: 165). Não se tratava de um objeto destinado a ser exposto como elemento de joalheria e a papirologia mágico-esotérica está recheada de instruções para a produção destes dispositivos, variando as prescrições rituais de acordo com os efeitos desejados (BETZ, 1986, *passim*).

Plínio (*Nat. Hist.*, XXXVII.124, *apud* MIDDLETON, 1969: 94) critica a superstição ligada ao uso destes objetos, o que significa indubitavelmente a generalização dessas crenças. A difusão da magia hele-nístico-romana, de tradição oriental (designadamente de remota origem

caldaica) no extremo ocidental do Império é mais um sinal da fusão cultural entre essas regiões (do ponto de vista religioso cf. GARCÍA y BELLIDO, 1967: Mithra, 26-37; Cybele, 48-53, Isis, 111-124 e Serápis, 137-139; para o caso específico do culto de Mã-Bellona em Turgalium, id. 64-70. Para Conimbriga: Mithra, *Fouilles* II n° 7; Magna Mater (?), id. n° 22; cf. Etienne et al 1976), ocorrendo, na Lusitânia, a vários níveis sociais e de erudição (QUET, 1981: 204-209), que a integração no Império não só permite, mas fomenta.

A peça em apreço deve ser colocada em contraste com outros elementos profilático-apotropaicos de uso pessoal, aliás mais comuns, como são os pendentos com falos (ALARCÃO 1994: 64 e 167, n° 561) associados à precaução contra o *fascinum* (LAFAYE, 1892: 983-987; ANNEQUIN, 1973: 23-24).

Outros amuletos ainda, de forma antropomórfica feminina (PONTE, 1994: 313-319), constituem um outro exemplo de amuleto (segundo ALARCÃO et al., 1979: 192), mas de uso quase restrito à Lusitânia, para o qual não se conhecem representações ou referências clássicas, o que indica o seu caráter propriamente indígena, não havendo, portanto, forma de reconstituir o seu uso em concreto.

Ao fenómeno da interpretação transcendente da realidade associa-se também a presença em Conimbriga do quadrado mágico com o palíndromo inspirado na frase de inspiração estóica *Sator omnia continet* (Cícero, *De Nat. Deorum*, II.86; ETIENNE, 1978: 32).

Como se articulam e interpenetram estes vários elementos?

É provável que os objetos arqueologicamente conhecidos, aqui sumariamente indicados, não sejam todos contemporâneos, mas não é crível que as superstições, crenças e fenómenos ideológicos a eles associados e que lhes deram origem não tenham, em larga medida, convivido em simultaneidade, mesmo se apartados em distintos estratos sociais e esferas de atividade, dentro de uma cidade provincial como Conimbriga.

O fenómeno de romanização pode descrever-se (CORREIA, 2013: 367) como um processo de enculturação, pelo qual “se adquire compreensão, orientação e competência no reino ideal que constitui a cultura: esquemas, roteiros, modelos, quadros e outras imagens da organização e contextualização do conhecimento; que são culturalmente constituídos, socialmente distribuídos e pessoalmente construídos” (POOLE, 1994: 833-834).

Estes objetos são, vistos desta forma, testemunhos de modelos

culturais e de formas de contextualização do conhecimento de distintas origens, indígenas umas, outras romanas, helenístico-orientais, outras ainda, que coexistem e contribuem, em conjunto, para a formação de uma cultura “globalizada” que se torna própria do “multilinguismo” do mundo romano (WALLACE-HADRILL, 2008: 3-37).

A adoção destas práticas, da magia ao jogo espirituoso do palíndromo, o seu aspeto de novidade e a sua relação com as práticas (e crenças) tradicionais, são elementos desse processo de renovação do entendimento da realidade a um nível muito pessoal e íntimo, em suma, um sintoma profundo de romanização.

BIBLIOGRAFÍA

- ALARCÃO, Adília (1994) – *Conimbriga. Coleções* (2ª ed.), Lisboa: IPM.
- ALARCÃO, Jorge; ETIENNE, Robert; ALARCÃO, Adília Moutinho; PONTE, Saete da (1979) – *Fouilles de Conimbriga VII. Trouvailles diverses, conclusions générales*, Paris: De Boccard.
- ANNEQUIN, Jacques (1973) – *Recherches sur l'action magique et ses représentations*, Paris: Les Belles Lettres (Annales littéraires de l'université de Besançon 146).
- BETZ, Hans Dieter (1986) – *The Greek Magical Papyri in translation*, Chicago: Un. Press.
- CHIESA, Gemma Sena (1966) – *Gemme del Museo Nazionale di Aquileia*, Aquileia: Associazione Nazionale.
- CORREIA, Vergílio (1916) – Conimbriga. A camada pré-romana da cidade (Notas de uma exploração de dez dias em Condeixa-a-Velha), *O Arqueólogo Português* 21, pp. 252-264.
- CORREIA, Vergílio (1935) – *Conimbriga. Notícia do oppidum e das escavações nele realizadas*, Coimbra: Ed. Autor.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (2013) – *A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*, Coimbra: Instituto de Arqueologia (Conimbriga Anexos 6).
- CRAVINHO, Graça (2001) – Peças glípticas de Conimbriga, *Conimbriga* 40, pp. 141-198.
- DASEN, Véronique; NAGY, Arpad M. (2018) – Gemas mágicas antigas. Estado de la cuestión, in PEREA YÉBENES, Sabino; TOMÁS GARCÍA, Jorge (eds.), *Glyptós. Gemas y camafeos greco-romanos: arte, mitologías, creencias*, Madrid/Salamanca: Signifer Libros (Thema Mundi 10), pp. 139-178.
- DGEMN – Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (1948) – *Oppidum romano de Conimbriga*, Lisboa: DGEMN (Boletim DGEMN 52-53).
- ETIENNE, Robert (1978) – Le “carré magique” a Conimbriga (Portugal), *Conimbriga* 17, pp. 15-34.

- ETIENNE, Robert; FABRE, Georges; LEVEQUE, Pierre e Monique (1976) – *Fouilles de Conimbriga II. Epigraphie et sculpture*, Paris: De Boccard.
- FARAONE, Christopher A. (2011) – Text, image and medium. The evolution of Graeco-Roman magical gemstones, in ENTWISTLE, Chris e ADAMS, Noel (eds.), “*Gems of Heaven*”. *Recent research on engraved gemstones in Late Antiquity, c. AD 200-600*, Londres: Trustees of the British Museum, pp. 50-61.
- GARCIA, José Manuel (1987) – Da epigrafia votiva de Conimbriga. Observações e novos monumentos, *Conimbriga* 26, pp. 39-59.
- GARCIA Y BELLIDO, Antonio (1967) – *Les religions orientales dans l’Espagne romaine*, Leiden: E. J. Brill.
- LAFAYE, G. (1892) – Fascinum, in *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, fasc. 17, Paris: Lib. Hachette.
- MASTROCINQUE, Attilio (2003a) – Le gemme gnostiche, in MASTROCINQUE, Attilio (cur.) *Sylloge gemmarum gnosticarum*, Roma: Libreria dello Stato (Bollettino di Numismatica. Monografia 8.2.1), vol. I, pp. 49-112.
- MASTROCINQUE, Attilio (2003b) – Aquileia: Museo Archeologico Nazionale, in MASTROCINQUE, Attilio (cur.), *Sylloge gemmarum gnosticarum*, Roma: Libreria dello Stato (Bollettino di Numismatica. Monografia 8.2.1), vol. II, pp. 12-23.
- MICHEL, Simone (2004) – *Die Magischen Gemmen. Zu Bildern und Zauberformeln auf geschnittenen Steinen der Antike und Neuzeit*, Berlin: Akademie Verlag (Studien aus dem Warburg-Haus 7).
- MICHL, Johann (1962) – Engelnamen, in KLAUSER, Theodor (ed.), *Reallexikon für Antike und Christentum*, bd. 5, Stuttgart: Anton Hiersemann.
- MIDDLETON, J. Henry (1969) – *Ancient gems* (2ª ed. [anast. 1891]), Chicago Ill.: Argonaut Inc.
- PONTE, Salete da (1994) – Figurinhas femininas de osso, inéditas, de Conimbriga, *Conimbriga* 32-33 (1993-1994), pp. 313-319.
- POOLE, Fitz John Porter (1994) – Socialization, enculturation and the development of personal identity, in INGOLD, Tim (ed.), *Companion encyclopedia of anthropology. Humanity, culture and social life*, Londres: Routledge, pp. 831-860.
- PREISENDANZ, Karl; HEINRICHS, Albert (2001) – *Papyri Graecae Magicae. Die Griechischen Zauberpapyri* (3ª ed.), Berlin: De Gruyter (Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana).
- QUET, Marie-Henriette (1981) – *La mosaïque cosmologique de Mérida. Propositions de lecture*, Paris: De Boccard (Publications du Centre Pierre Paris 6).
- RICHTER, Gisela A. M. (1968) – *Engraved gems of the Greeks and the Etruscans*, Londres: Phaidon.
- RICHTER, Gisela A. M. (1971) – *Engraved gems of the Romans*, Londres: Phaidon.
- WALLACE-HADRILL, André (2008) – *Rome’s cultural revolution*, Cambridge: Un. Press.



a



b

FIG. 1 – Pedra mágica da coleção Vergílio Correia. a) Anverso, b) Reverso.